

***Ciência e Género. Quatro Textos de Quatro Mulheres*, selecção, tradução e prefácio de Teresa Levy e Clara Queiroz, Lisboa, Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa, Cadernos de Filosofia das Ciências, 2006, 135 pp.,**

por

**Maria Luísa Ribeiro Ferreira
in *Philosophica*, 28 (2006): 296-300**

Começa finalmente (e felizmente) entre nós a divulgar-se o pensamento feminista relativamente a temáticas científicas e filosóficas¹. Este livro oferece aos leitores e leitoras de língua portuguesa algumas reflexões marcantes desta orientação. Quem investiga no campo dos “Estudos de Género” sabe que ele abarca uma pluralidade de perspectivas, englobando orientações liberais, radicais, essencialistas, marxistas, desconstrucionistas etc. etc. São orientações que por vezes entre si se digladiam, de modo que um dos primeiros problemas com que nos deparamos é procurar perceber os pontos de partida das autoras estudadas. No caso dos quatro textos seleccionados, une-os a preocupação de pensar a ciência tomando como referência a teoria e a prática de mulheres cientistas. O que leva à valorização de, como diria Carol Gilligan, “uma voz diferente”², na qual fica patente a especificidade de um olhar feminino.

Teresa Levy e Clara Queiroz, as organizadoras da antologia, confrontaram-se com uma dificuldade que procuraram resolver e da qual nos deram conta no prefácio. Nele alertam para o facto de os textos escolhidos não terem entre si outra afinidade que não seja a de se inserirem no cruzamento do feminismo e da epistemologia. De facto os textos correspondem por vezes a capítulos de livros, não constituindo unidades autónomas; não há interacção entre eles nem com eles somos levados a equacionar um mesmo problema. Teresa Levy e Clara Queiroz tentaram no entanto construir uma estrutura, agrupando os diferentes capítulos de modo a constituírem um todo com princípio e fim: o texto inicial de Londa Schiebinger corresponde ao início de um livro desta autora e manteve o título primitivo de “Introdução”. O texto final de Hilary Rose é o capítulo conclusivo de *Love Power and Knowledge* e é designado por “Epílogo”.

A antologia abre com o texto de Londa Schiebinger, questionando-se as próprias organizadoras quanto à pertinência desta escolha. Percebemos que tenham hesitado em escolher um extracto no qual se apresenta um livro, abrindo perspectivas que só no decorrer da obra serão retomadas. Consideramos no entanto que a escolha é feliz pois não só nos faz partilhar as dúvidas de Schiebinger quanto à especificidade de uma ciência no feminino, como nos apresenta um aparato conceptual de grande utilidade. Há um esclarecimento semântico de certos conceitos como género, feminismo liberal, feminismo da diferença, importantes para quem investiga nestes domínios. Temas como mulher, sexo, género, feminino, ciência, são apresentados na história conflitual que encerram. Referem-se um conjunto de autores e autoras marcantes nos Estudos de Género. É verdade que tratando-se de uma introdução levantam-se algumas dificuldades quanto à compreensão do pensamento que subsequentemente se desenvolverá. Não fica

¹ Na mesma linha de reflexão séria sobre textos determinantes de filósofas feministas salientamos a colectânea organizada por Ana Gabriela Macedo, *Género, Identidade e Desejo. Antologia Crítica do Feminismo Contemporâneo*, Lisboa, Livros Cotovia, 2002.

² Carol Gilligan, *In a different voice*. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1982.

claro o que a autora pensa quanto ao modo feminino de fazer ciência. No começo parece ser imprescindível aceitar a diferença (p. 20) mas depois esta distinção é criticada (p. 26). Denunciam-se certos mitos: um deles é o da maior proximidade da mulher com a natureza; outro é o facto de que as biólogas tenderiam a identificar-se com o comportamento das fêmeas. De qualquer modo fica subjacente a necessidade de um lugar e de um espaço próprio para as mulheres, no que se refere à prática científica. Fala-se de métodos alternativos para a ciência, métodos que não são propriamente identificados como um comportamento feminino (p. 26). Fica em aberto a questão: “Farão as mulheres ciência de um modo diferente?” (p. 29). É um problema transversal ao texto, sem que haja para ele uma resposta conclusiva. Compreende-se que assim seja – trata-se do início de um livro onde o tema irá ser desenvolvido. O problema é apresentado como “uma hipótese à espera de ser testada” (p. 34) não deixando no entanto de referir quer os perigos da aceitação da diferença quer os resultantes de uma assimilação acrítica (p. 39).

O texto de Londa Shiebinger é duplamente interessante, não só pelas teses que apresenta mas sobretudo pelos objectivos que se propõe alcançar no livro que anuncia, abrindo-nos o apetite para o saborearmos num futuro. É-nos sobretudo gratificante o anúncio feito de se desprender do esoterismo da linguagem académica (p. 17) tantas vezes causadora do afastamento do grande público. Trata-se de uma análise teórica objectiva que no entanto não desdenha de um propósito prático – trazer mais mulheres para a ciência. Com a certeza de que o modelo dominante terá de ser alterado de modo a servir os seus interesses.

Evelyn Fox Keller é a autora do segundo texto, “Feminismo e Ciência”. É um nome conhecido dentro da epistemologia feminista, nomeadamente no que respeita à temática da modernidade, que analisa criticamente. O excerto em causa é mais genérico e faz jus ao título, interrogando-se sobre as distorções masculinistas do trabalho científico (p. 55). A tese maior desenvolvida é a de que o contexto social e político molda o conhecimento científico. Há que reconceptualizar a objectividade sem cair na tentação de reduzir a ciência a uma ideologia (p.61). A psicanálise e a psicologia, ao trabalhar sobre o desenvolvimento da criança e a evolução da sua personalidade permitem-nos compreender melhor o crescimento da ciência (pp. 66-67). Exemplos colhidos na ciência moderna e contemporânea ajudam-nos a perceber a presença da ideologia e nomeadamente da ideologia masculinista num terreno que é geralmente apresentado como objectivo e asséptico.

Interrogamo-nos se não teria sido mais favorável à divulgação do pensamento desta autora a escolha de outro excerto em que fosse mais evidente o seu processo desconstrutivo relativamente à teoria e à prática científicas. Lembramos o interesse para tal fim de qualquer dos capítulos da primeira parte do seu livro *Reflections on Gender and Science* (New York, Yale University Press, 1985). De qualquer modo, o texto escolhido pelas organizadoras situa-se no coração da epistemologia feminista, mostrando que a posição de Keller é “distinguir o que é local, paroquial, do que é universal no impulso científico” (p. 61). A substituição de uma ciência dominadora por uma ciência dialogante é apresentada como um dos caminhos para combater o predomínio masculino. É uma tese defendida teoricamente mas ilustrada com exemplos concretos, como é o caso de dois modelos aplicáveis ao estudo da organização celular – o particularista e o organicista, mostrando como o primeiro tem sido privilegiado por homens enquanto as mulheres dão mais ênfase ao segundo (p. 70).

O texto de Donna Haraway - “Sociologia animal e economia natural do corpo político, parte II” – situa-nos na primatologia, uma disciplina trabalhada pela autora. Surpreendeu-nos que numa selecção que certamente pretende dar a conhecer o

pensamento desta filósofa não tenha sido mencionado outro dos seus interesses maiores. Referimo-nos ao tema dos ciborgues, esses organismos cibernéticos, produtos híbridos da ficção e da experiência vivida. De facto, Haraway tornou-se especialmente conhecida pelas suas reflexões sobre o cruzamento entre o humano, o animal e a máquina, tal como a ficção científica contemporânea o apresenta. T.L. e C.Q. optaram por um filosofema diferente que nos dá a conhecer outras facetas do pensamento da autora. É uma entrada interessante que nos permite levantar a questão de “como evoluíram as capacidades e disposições comportamentais do macho adulto ocidental” (p. 101). Compreendemos o interesse das organizadoras em nos proporcionar o cruzamento de áreas como a epistemologia, a etologia e a zoologia. Contudo abrem-se demasiadas portas - certamente desenvolvidas no decurso do livro em que o texto se insere - que nos deixam submersos num caudal de informação, exigindo um ulterior aprofundamento. A tese central é a de que os observadores partem sempre da sua própria perspectiva. Donna Haraway selecciona quatro posicionamentos diferentes sobre a história e sobre a natureza humanas, com um particular relevo conferido às categorias de reprodução e de produção: Solly Zuckerman estabelecendo ligações entre a origem da cultura humana e a caça; Thelma Rowell destacando os conceitos de desempenho social e de stress; Sherwood Washburn relevando a agressão e a hierarquização; Nancy Tanner e Adrienne Zihlman, alertando-nos para a importância da colheita e do armazenamento, actividades nas quais as mulheres têm um papel de destaque.

Tal como Tanner e Zihlman, Haraway entende que “os observadores partem geralmente da sua própria perspectiva” (p. 101). É inegável que as teses destas autoras relativamente ao papel das fêmeas nas comunidades de primatas não surgiu do nada. De facto elas colocam-se como contraposição de outras perspectivas, nomeadamente as de Zuckerman e de Washburn, que valorizavam a caça e a agressividade como modelos explicativos da evolução humana. Ao destacar a recollecção como a primeira invenção crítica dos homínidos, as autoras mostraram ser possível aceitar determinadas teorias, usando-as no entanto para outros fins. A conclusão do artigo é esclarecedora: ao entender a primatologia como “zona de luta” e ao desmistificar a objectividade da ciência – “a ciência é o nosso mito” (p. 103), percebemos que a intervenção dos cientistas é historicamente determinada.

Como já referimos, o texto de Hilary Rose “Epílogo: o trabalho das mulheres nunca está feito”, corresponde ao último capítulo de um livro desta autora: *Love, Power and Knowledge*. Teresa Levy e Clara Queiroz seleccionaram-no como conclusão, o que é adequado para fechar uma antologia. No entanto ele é epílogo de algo que se foi construindo anteriormente e que o leitor desconhece, tendo alguma dificuldade em acompanhar as teses referidas. Hillary Rose assume-se como socialista, respeita a natureza e os valores do cuidado, sem cair no feminino místico nem no conservadorismo (p. 121). Sublinha a importância das críticas feministas da ciência, procurando novas representações da natureza em consonância com valores que as mulheres prezam. Não se trata de um feminismo anti-ciência mas sim de uma tentativa de produzir representações melhores e mais fidedignas da natureza, a partir de valores novos (p. 110). A mudança de mentalidades, nomeadamente no que concerne às ciências da vida, tem sido dificultada pela herança judaico-cristã – a consideração da mulher e da natureza enquanto subordinadas ao homem é um preconceito a que, segundo Rose, o próprio Darwin não foi imune.

As novas filosofias feministas da natureza põem em causa o binómio poder/conhecimento, propagado por Bacon e criticamente denunciado por Foucault. Vislumbram-se práticas diferentes, quer no que respeita ao ambiente quer no que

concerne os animais. Estes não podem continuar a ser pensados como meros reagentes químicos, sujeitos a experiência (p.113). Os factos constroem-se “através de objectos localizados e incorporados na história, na geografia, na política. Quem produz ciência dá-nos indicações sobre o tipo de ciência que é produzida (p. 115).

Assinalamos como particularmente interessante no artigo em causa o facto de nele se detectar um fosso entre as teóricas feministas e as mulheres que sofrem na pele a exclusão e a marginalização. Cita-se como exemplo as mulheres indianas, principais vítimas da deslocação de populações imposta pelo desenvolvimento industrial. A análise dessas lutas das mulheres do terceiro mundo é complementada pelas críticas feitas no primeiro mundo ao programa Genoma, bem como o movimento crescente a favor dos partos a domicílio (p. 119). Hillary Rose pretende apresentar-nos um “entendimento subversivo da modelação social da ciência” (p.125). Para ela, as mulheres têm mostrado que é possível ir além da mera utilização dos artefactos científicos (que manuseamos sem os perceber) e entrar no terreno da ciência, construindo novas definições da realidade. O feminismo traz amor e cuidado à relação com as pessoas e com a natureza, oferecendo “uma ética para reformular o conhecimento e, com ele, a sociedade” (p. 126).

Em boa hora aparece esta colectânea, mostrando algo do muito que se tem escrito sobre o modo como as mulheres pensam a ciência e a praticam nos seus diferentes domínios³. Teresa Levy e Clara Queiroz expressam votos para que os leitores se sintam motivados para ulteriores leituras, nomeadamente dos livros a que alguns destes textos pertencem. Penso que podemos ser mais ambiciosas pois a bibliografia referida em notas de rodapé constitui um guia precioso para quem pretenda aprofundar estas temáticas.

Para além dos aspectos meritórios deste livro, que pensamos ter evidenciado ao longo da recensão, gostaríamos de salientar algo a que também as organizadoras deram realce, destacando-o na contracapa – o carácter controverso do tema dominante, ou seja, da influência do género na produção científica. É precisamente essa problematicidade intrínseca do assunto que lhe confere tanto interesse. O facto de nenhum dos textos constituir uma resposta cabal e/ou satisfatória para a questão em causa é um desafio para que leitores e leitoras construam as suas próprias respostas com instrumentos conceptuais fidedignos. E inegavelmente que aqui encontram material q.b.

Maria Luísa Ribeiro Ferreira

³ Sendo perfeitamente pertinente a opção feita por autoras de língua inglesa, lembramos que a mesma investigação se desenrola também noutras paragens. Lembramos uma outra antologia interessante, de língua francesa, organizada Françoise Collin, *Le Sexe des Sciences. Les Femmes en plus*, Paris, Autrement, Série Sciences en Société, 1992.